


ESTRUTURA DO RETORNO: BATAILLE, FREUD E KAFKA

Structure of return: Bataille, Freud and Kafka

Lucca Marthius Reginatto Lobato

<https://orcid.org/0000-0003-1110-3518> 

Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. 70910-900 – ilsecpos@unb.br

Resumo: No presente ensaio, propõe-se observar as relações entre as estruturas que se apresentam nos conceitos de transgressão, de Georges Bataille, e de pulsão de morte, de Sigmund Freud. A ideia não é tentar uma simples aproximação desses conceitos, mas mostrar como eles se ligam no que diz respeito à forma que a estrutura do retorno se torne possível. Tanto o retorno ao interdito no movimento da transgressão quanto o retorno ao inanimado na pulsão de morte indicam uma destruição ao mesmo tempo que indicam uma possibilidade de criação. Nesse sentido, observa-se como a estrutura do retorno parece funcionar tanto na obra de Bataille quanto na obra de Freud. Para isso, no texto *Carta ao Pai*, do escritor tcheco Franz Kafka, busca-se compreender como a destruição da transgressão e da pulsão de morte podem ser o retorno à (re)criação da estrutura a partir da escritura. Pretende-se mostrar como estrutura do retorno é uma parte integrante, pulsional e insurgente da estrutura e da escritura.

Palavras-chave: estrutura; Georges Bataille; Sigmund Freud; Franz Kafka.

Abstract: In this essay, we propose to examine the relationships between the structures present in the concepts of transgression, by Georges Bataille, and the death drive, by Sigmund Freud. The goal is not to simply approximate these concepts but to show how they connect regarding the way the structure of return becomes possible. Both the return to the forbidden in the movement of transgression and the return to the inanimate in the death drive indicate a destruction while also suggesting a possibility of creation. In this sense, we will observe how the structure of return seems to function in the works of both Bataille and Freud. To this end, in the text *Letter to His Father* by Czech writer Franz Kafka, we seek to understand how the destruction of transgression and the death drive can be the return to (re)creation of the structure through writing. We aim to show how the structure of return is an integral, pulsional, and insurgent part of structure and writing.

Keywords: structure; Georges Bataille; Sigmund Freud; Franz Kafka

Antes mesmo de começar a escrever já me perguntava como deveria começar. Por um tempo, considerei a forma como Kafka cria o discurso de resposta de seu pai em sua conhecida *Carta ao Pai*, com apenas três palavras “...você poderia responder” (Kafka 1997, p. 71), tentando pensar como o leitor entenderia o que escrevo aqui. Mas depois de considerar por mais um tempo, sem conseguir adequar isso ao início de um ensaio, decidi começar com as palavras de Freud em seu capítulo IV, do *Além do Princípio do Prazer*:

[o] que se segue é apenas especulação, especulação que em grande parte vai longe e que cada um, de acordo com sua posição, irá considerar ou

desprezar. É, além disso, uma tentativa de exploração consequente de uma ideia, por curiosidade de saber até onde ela irá levar (Freud 2021a, p. 99).

Começando com esse aviso de especulação e exploração de uma ideia, fazendo das palavras de outro às minhas, tento compreender como a transgressão e a pulsão podem se relacionar. Contudo, é por meio da estrutura que tento encontrar essa relação, o que pode parecer paradoxal. Talvez sem esse paradoxo de observar uma estrutura na transgressão, não haveria chance alguma de se buscar tal aproximação. Digo, então, que eu tento.

Entre os dois conceitos, há uma dimensão de *retorno*. Tentarei entender a necessidade desse retorno para a estrutura da transgressão e para a estrutura da pulsão, tentando demonstrar especialmente como ideias de superação e compulsão à repetição, podem fazer parte dessa estrutura do retorno.

Quero dizer, com a ideia de retorno, não apenas um conceito filosófico, mas uma operação da estrutura. Isso implica que, tal como no movimento da pulsão, o retorno se apresenta como operação determinante de uma estrutura: um movimento dos elementos interiores para fora e volta. É um movimento estrutural que faz parte da própria estrutura. Ao pensar uma estrutura do retorno, portanto, tento entender como esse movimento opera e como consegue transformar a estrutura e seu funcionamento.

Nesse sentido, a dimensão do retorno em uma estrutura funciona, paralelamente, como um elemento fundamental para a pulsão: a repetição, uma repetição simbólica, da linguagem, da série, do sistema. O retorno estrutural que observo em Bataille, Freud e Kafka aqui não é um eterno retorno do mesmo nietzschiano, não é um retorno messiânico no sentido benjaminiano. Se aproxima, entretanto, do retorno como diferença que podemos ver em Deleuze (2021, p. 122), um eterno retorno que “afeta apenas o novo”, que é a “repetição pelo excesso”¹. Porém, é preciso deixar claro que o retorno que observo como operação estrutural não diz respeito a um conceito estritamente deleuziano. A estrutura do retorno é uma potencialidade, uma possibilidade, da estrutura de se abrir para o fora tal como acontece no movimento da pulsão em sua repetição. Veremos como isso funciona. Antes, precisamos considerar o que se entende por estrutura e sua relação com a linguagem.

Assombrada pela “invasão estruturalista” da qual fala Derrida (1967) em “Force et Signification”, a estrutura do retorno tenta reestruturar, ou melhor, reescrever, esse assombro. Creio ser pertinente também mencionar como Derrida posiciona a linguagem dentro da estrutura:

Por um lado, a estrutura se torna o próprio objeto, a própria coisa literária. Ela não é mais o que ela era quase sempre em outro lugar: seja um instrumento heurístico, um método de leitura, uma virtude reveladora do conteúdo, seja um sistema de relações objetivas, independente do conteúdo

¹ Toda tradução não referenciada é de nossa autoria. No original: “L'éternel retour n'affecte que le nouveau [...]. Il est la répétition par excès” (Deleuze, 2021, p. 122).

e dos termos; o mais frequente os dois de uma vez, pois a fecundidade não excluía, ao contrário, implicava que a configuração relacional existia do lado do objeto literário; um realismo da estrutura era sempre mais ou mesmo explicitamente praticado. Mas nunca a estrutura foi, no duplo sentido dessa palavra, o termo exclusivo da descrição crítica. Ela era sempre um *meio* ou relação para ler ou para escrever, para agrupar significações, reconhecer temas, ordenar constâncias e correspondências. [...] *Por outro lado* (e em seguida), essa estrutura como coisa literária é entendida dessa vez, ou pelo menos praticada, *à la lettre*. [...] A estrutura se diz de início de um trabalho [*ouvrage*] orgânico ou artificial, como unidade interna de uma montagem, de uma *construção*; trabalho comandado por um princípio unificador, *arquitetura* construída e visível em sua localidade (Derrida, 1967, p. 27-28)².

Das duas formas de se entender a estrutura segundo Derrida, isto é, como meio para leitura e escritura ou *à la lettre*, ou seja, a partir da linguagem que possibilita à estrutura ser uma coisa literária. Pela linguagem, se espacializando a estrutura, esta se torna realmente possível. Considerando a linguagem como elemento primordial para a existência de uma estrutura, podemos pensá-la enquanto seu próprio objeto, sua própria literatura. Nesse sentido, o retorno pode ser entendido como uma espécie de volta que a estrutura opera sobre ela mesma. O retorno estrutural é o elemento que funda a estrutura do retorno na própria linguagem.

Aqui podemos ajustar o salto da estrutura para a dimensão do retorno: o retorno faz parte da estrutura e, logo, faz parte da linguagem. Podemos pensar que o retorno é um jogo com a presença e a ausência, com o espaço estrutural e o seu fora, com o tempo de construção e destruição da estrutura. O retorno é a operação pela qual a estrutura consegue subverter a si mesma pela repetição presente na linguagem, na transgressão e na pulsão.

Dito isso, o que tentarei mostrar é que, nesse espaço estrutural, a transgressão e a pulsão se relacionam ao aproximarem-se da ideia do retorno: sair da estrutura, ir para um fora, e retornar, voltar para dentro, modificando o que antes estava ali. Esse movimento é o que tento especular e explorar aqui. Para além disso, a estrutura do retorno é também uma modificação na interpretação da estrutura como solidez, possibilitando que a estrutura seja sempre superada, destruída, para que seja recriada, reestruturada. Isso significa dizer que a pulsão de morte pode criar algo, além de seu retorno ao inanimado, e a transgressão também cria outra coisa, além de seu retorno ao interdito.

² No original: “D’une part, la structure devient l’objet lui-même, la chose littéraire elle-même. Elle n’est plus ce qu’elle était presque toujours ailleurs: soit un instrument euristique, une méthode de lecture, une vertu révélatrice du contenu, soit un système de relations objectives, indépendantes du contenu et des termes; le plus souvent les deux à la fois car sa fécondité n’excluait pas, impliquait au contraire que la configuration relationnelle existât du côté de l’objet littéraire; un réalisme de la structure était toujours plus ou moins explicitement pratiqué. Mais jamais la structure n’était, au double sens de ce mot, le terme exclusif de la description critique. Elle était toujours moyen ou relation pour lire ou pour écrire, pour rassembler des significations, reconnaître des thèmes, ordonner des constances et des correspondances. [...] D’autre part (et par suite), cette structure comme chose littéraire est entendue cette fois, ou du moins pratiquée, *à la lettre*. [...] La structure se dit d’abord d’un ouvrage, organique ou artificiel, comme unité interne d’un assemblage, d’une construction; ouvrage commandé par un principe unificateur, architecture bâtie et visible dans sa localité” (Derrida, 1967, p. 27-28).

I.

“É a transgressão de toda linguagem. Deus é essa transgressão, a qual, na transgressão da regra humana, nós pertencemos”
Georges Bataille, *Notas de Madame Edwarda*

Ao elaborar a transgressão e sua relação com o interdito, Georges Bataille deixa claro que a transgressão ocorre quando se ultrapassa os limites do interdito, da proibição. O interdito, para Bataille, é composto por proibições ligadas à morte e à reprodução. O interdito ligado à morte, por exemplo, é o assassinato, o sangue. O interdito ligado à reprodução é o sexo, o erótico. Bataille observa diferentes formas de transgressão desses interditos, como a guerra e a orgia. O movimento da transgressão é de suspender o interdito sem suprimi-lo. Mas isso não significa que não haja alguma transformação na estrutura do interdito a cada transgressão.

Bataille fala da relação do interdito com o assassinato. O interessante é atentar ao retorno à violência fora do tempo do trabalho, ou seja, fora do tempo do interdito. Nesse sentido, a transgressão se retira do solo do interdito (de matar, no caso), e retorna à violência (na guerra), tendo livre curso durante esse tempo de transgressão. Bataille, em outro momento, enfatiza que a transgressão não é um retorno à natureza, e eu gostaria de reiterar isso: a transgressão supera o interdito sem suprimi-lo, ao sair do espaço do interdito, deixando o interdito sempre sólido. Para Bataille, a transgressão afirmaria sua solidez.

Entretanto, dos movimentos de retorno do qual fala Bataille, quase sempre negando-os, enfatizando que a transgressão não visa retornar a um estado anterior, mas superar um interdito, Bataille observa um “retorno à estabilidade”:

A violência, que não é em si mesma a cruel, é, na transgressão, o feito de um ser que a organiza. A crueldade é uma das formas da violência organizada. Não forçosamente erótica, mas pode derivar para outras formas da violência que a transgressão organiza. Como a crueldade, o erotismo é meditado. A crueldade e o erotismo se ordenam no espírito possuído pela resolução de ir além dos limites do interdito. Essa resolução não é geral, mas sempre é possível deslizar de um domínio ao outro: trata-se de domínios vizinhos, fundados ambos na embriaguez de escapar resolutamente ao poder do interdito. A resolução é tanto mais eficaz uma vez que se reserva o **retorno à estabilidade sem a qual o jogo seria impossível**: isso supõe ao mesmo tempo o transbordamento e a previsão do recuo das águas. A passagem de um domínio ao outro é aceitável na medida em que não coloca em jogo os enquadramentos fundamentais (Bataille, 2020, p. 103-104. Grifo nosso).

Bataille fala aqui de dois domínios da violência organizada: a crueldade e o erotismo. Sendo ambos parte da transgressão organizada, ou seja, *estruturada*, uma vez que a organização se apresenta na linguagem, estes conseguem deslizar de um ao outro no momento da transgressão, com a condição de que haja um retorno à estabilidade. Isso implica que há um duplo retorno na transgressão: retorno à violência, com suas regras e excessos compreendidos, superação do interdito, e um segundo retorno à estabilidade, que



é a volta do estado de transgressão ao estado de interdito.

O retorno do qual eu busco tratar é o retorno que acontece após a transgressão. É o segundo momento: da volta da transgressão para o estado do interdito que foi superado. Nesse momento, a estrutura do interdito foi superada, mas não há destruição na superação. Bataille diz sobre esse retorno quando fala da festa e sua condição: “A festa acontece para devolver [a consciência clara] à imanência, mas a *condição do retorno* é a escuridão da consciência” (Bataille, 1973, p. 76). Isso implica dizer que o momento da festa, da transgressão, é o momento de consciência clara, enquanto o interdito é o momento de escuridão da consciência. O importante aqui é a condição do retorno, que implica que a transgressão necessita também de um retorno para o interdito e que isso é uma condição: ela é necessária para a transgressão.

Nesse sentido, Bataille apresenta duas formas de retorno na estrutura da transgressão. Um primeiro, que nega o retorno à natureza, ou seja, a transgressão não é um retorno à natureza. E, de fato, se o interdito forma a sociedade ao inserir proibições, leis, regras etc., então a transgressão dessas leis não pode ser um retorno à natureza, visto que já se encontra fora do mundo natural. E o segundo, que afirma um retorno ao interdito, ou seja, a transgressão é um jogo que acontece em um instante, um momento (na festa, no sacrifício, na literatura etc.), de forma que sua estrutura básica consiste em sair e voltar dessa estrutura. Sair, transgredir, para voltar, retornar ao interdito, o que Bataille chama de retorno à estabilidade.

Nessa busca por uma estrutura do retorno o importante é atentar que Bataille coloca um retorno que deve ser negado e outro que faz parte da estrutura da transgressão e deve ser *repetido* para que haja transgressão. Algo que me importa muito pensar aqui é o que acontece desse retorno. De forma simples, a estrutura da transgressão funciona da seguinte forma: um interdito, um conjunto de leis ou regras, molda o funcionamento de uma determinada forma de agir, pensar ou mesmo escrever. A transgressão aparece como um momento de respiro, um momento sagrado em que se pode agir para além dessas leis, ultrapassando seus limites. Depois desse momento sagrado, deve-se voltar à estabilidade do interdito.

A estrutura da transgressão, assim, se assemelharia, de alguma forma, ao movimento da ilusão referencial, proposta por Michel Riffaterre (1984), que diz que um poema não tem referência externa, sendo sempre autossuficiente, referenciando sempre a si mesmo. Ou, de outra forma:

Mas em literatura a unidade de significação é o próprio texto. Os efeitos que as palavras, enquanto elementos de uma rede finita, produzem umas sobre as outras, substituem a relação semântica vertical por uma relação lateral que, constituindo-se ao longo do texto escrito, tendo a anular a significação individual que as palavras podem ter no dicionário (Riffaterre, 1984, p. 128).

Assim, o efeito autossuficiente e autorreferencial do poema é também a formação de uma estrutura: elementos diferenciais que se relacionam para dar a significação às



posições que ocupam no sistema. É a partir da relação da transgressão com o que é transgredido e com o interdito que se torna possível pensar seu funcionamento como o de uma estrutura.

Isso implica dizer pelo menos três sentidos sobre a estrutura da transgressão: a) é uma estrutura autossuficiente, uma vez que joga nesse movimento de saída e retorno, ida e volta; b) que toda referência para uma transgressão seriam outras transgressões, ou seja, no retorno à estabilidade há algo a mais, que modifica também o que é interdito; c) e, por último, que a transgressão pode modificar o valor de seu significante em seu retorno. Ou seja, a transgressão, por ser autossuficiente e se referir sempre a outras transgressões, modifica alguma coisa daquele conjunto de leis e regras primeiras, mas também do próprio significado de transgressão. A estrutura da transgressão funciona a partir de sua relação com outras estruturas, a partir de relações diferenciais de sua transgressão e de outras transgressões.

Assim seria possível aproximar a estrutura da transgressão com a estrutura da escritura, isto é, da linguagem. Mas não só. Conforme Bataille nos possibilita ver, é também uma *estrutura do retorno*. No entanto, tento pensar aqui qual a relação entre estrutura do retorno e estrutura da transgressão.

A explicação de Derrida sobre a estrutura possibilita uma resposta: a estrutura da transgressão se torna o próprio objeto literário. A própria estrutura da transgressão é o objeto da estrutura do retorno. De fato, a estrutura é sempre entendida como uma construção, uma arquitetura. É nesse sentido que a destruição da estrutura do retorno é ainda mais evidente: o que a estrutura do retorno possibilita é a destruição dessa estrutura a partir de seu movimento circular. Sem sair da linguagem, a estrutura do retorno torna possível, em sua destruição, uma saída da metáfora arquitetônica presente na estrutura.

Nesse sentido, o que Bataille torna possível ao escrever seu conceito de transgressão é o movimento da estrutura. A estrutura se coloca para fora para então voltar, destruindo a si mesma. É por isso que a estrutura da transgressão é também uma estrutura de retorno. Essa é a relação mais íntima entre elas: a estrutura da transgressão que mostra Bataille funciona como uma estrutura do retorno. Mas aí questiono: se a estrutura da transgressão é e funciona como uma estrutura do retorno, o que ela pode fazer com o conjunto de leis a que retorna? Se a transgressão ultrapassa limites, o que ocorre em seu retorno à estrutura?

II.

“O texto funciona como uma neurose; como a matriz é recalçada, o deslocamento vai-se manifestar noutro ponto do corpo”
Michel Riffaterre, *A Ilusão Referencial*

Agora, tentarei pensar aqui com Freud. Devo dizer que não tentarei anunciar a pulsão de morte como uma transgressão, embora possa ser possível em certos sentidos. Tento observar a estrutura do retorno em Freud juntamente com a pulsão de morte, o



infamiliar e a possibilidade de uma pulsão de destruição que possa criar. A destruição, retorno ao inanimado, ao zero, não é apenas um simples retorno, mas também uma transgressão que serve como potência criadora. Aqui, creio ser precisamente isso que tentarei explorar: a dimensão destruidora do retorno e sua possibilidade de criação.

Em 1915, no texto *As Pulsões e seus destinos*, Freud começa o desenvolvimento de sua teoria das pulsões. Para o autor, o estímulo pulsional seria diferente do estímulo externo ao corpo, de tal forma que a pulsão se apresentaria como um “conceito fronteiro entre anímico e somático” (Freud, 2021b, p. 25). A pulsão é constituída economicamente por seus elementos, como a pressão (*Drang*), que é a força do trabalho que a pulsão representa, a meta (*Ziel*), que é sempre a satisfação, o objeto (*Objekt*), com o qual ou através do qual a pulsão pode alcançar sua meta, e a fonte da pulsão (*Quelle des Triebes*), entendida como “o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica da pulsão” (Freud, 2021b, p. 27).

Mais a frente, Freud discute alguns destinos da pulsão, a saber, a reversão em seu contrário, o retorno em direção à própria pessoa, o recalque, a sublimação. Aqui, gostaria de tratar especificamente do *retorno em direção à própria pessoa*. Para isso, é preciso remeter à reversão em seu contrário.

Para Freud, a reversão diz respeito apenas às metas da pulsão, de forma que sua meta ativa é substituída pela meta passiva. Ou seja, “[a] inversão de conteúdo pode ser encontrada no caso único da transformação do amar em um odiar” (Freud, 2021b, p. 35). Já o retorno em direção à própria pessoa, considerado no dualismo sadismo-masochismo, diz respeito a uma troca do objeto cuja meta permanece a mesma, ou, como diz Freud, “[o] masochismo é um sadismo que se voltou contra o próprio Eu, e que o exibicionismo inclui a contemplação do próprio corpo” (Freud, 2021b, p. 37).

Desse retorno à própria pessoa da pulsão, há então a dimensão do retorno mais uma vez. Freud fala da transformação do sadismo em masochismo quando fala de um retorno ao objeto narcísico em que “o sujeito narcísico é trocado, através da identificação, por um outro Eu” (Freud, 2021b, p. 47). Daí é possível notar a estrutura do retorno que nos apareceu em Bataille. A pulsão, em seu destino como retorno à própria pessoa, se volta contra o sujeito, de forma que o que era direcionado a determinado objeto começa a ser direcionado a si mesma.

Lacan fala sobre esse retorno da pulsão no *Seminário livro 11* ao falar sobre a pulsão parcial:

Quando falar dessas duas pulsões [sadismo e masochismo], e mais especialmente do masochismo, ele se atará a bem marcar que não há dois termos nessas pulsões, mas três. É preciso bem distinguir a *volta em circuito de uma pulsão* do que aparece – mas também por não aparecer, – num terceiro tempo. Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim – não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. *Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular*. É somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função



da pulsão (Lacan, 1988b, p. 169).

Não estaria aí a própria dimensão do retorno? Lacan fala do sujeito que é outro. Quando a pulsão retorna, fazendo esse curso circular, é outro objeto que torna a aparecer. No caso do sadomasoquismo, a pulsão se investe em outro, mas ao voltar, tendo a mesma meta, atinge o mesmo sujeito que é outro. Isso implica dizer que alguma coisa acontece nesse investimento para o objeto, embora não altere a meta. Mais a frente, Lacan diz:

Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse *retorno em circuito* (Lacan, 1988b, p. 170).

Nesse sentido, Lacan também admite que haveria um retorno na teoria da pulsão de Freud, especialmente nesse primeiro momento em 1915. Se pensarmos então que o alvo da pulsão é o retorno em circuito do qual fala Lacan, a dimensão do retorno se torna algo a mais. Quero dizer que o retorno não é apenas voltar a pulsão contra si mesmo, mas também voltar a pulsão contra outro, de forma que seja possível também criar algo desse retorno.

Em 1919, Freud escreve seu texto *O Infamiliar*, conhecido como um dos mais icônicos textos estéticos da psicanálise. Pretendendo estudar o conto *O Homem da Areia*, de E. T. A. Hoffmann, Freud afirma que o infamiliar (*Unheimlich*) é também o familiar (*heimlich*). Dessa forma, haveria na constituição da palavra uma ambivalência que teria também permanecido na palavra. Demonstrando o efeito do infamiliar na vida psíquica, Freud cita vários exemplos do conto de E. T. A. Hoffmann e, entre eles, um parece ser importante aqui, o âmbito do duplo, que implica

[n]o aparecimento de pessoas que, por causa da mesma aparência, devem ser consideradas como idênticas; o incremento dessas relações por meio da transmissão dos processos psíquicos de uma dessas pessoas para a outra – o que deveríamos chamar de telepatia –, de tal modo que uma se apropria do conhecimento, do sentimento e das vivências da outra; a identificação com uma outra pessoa, de modo que esta perde o domínio de seu Eu ou transporta o Eu alheio para o lugar do seu próprio, ou seja, duplicação do Eu, divisão do Eu, confusão do Eu – e, enfim, o eterno retorno do mesmo, a repetição dos mesmo traços fisionômicos, o mesmo caráter, o mesmo destino, os mesmos atos criminosos, o nome por meio de muitas e sucessivas gerações (Freud, 2021c, p. 69).

Ao tratar do tema do duplo como infamiliar, Freud coloca a dimensão do retorno como possível. O surgimento de um igual causa esse sentimento de infamiliaridade, mas é precisamente esse sentimento que causa um “eterno retorno do mesmo”, como diz. Isso implicaria então que o duplo é um retorno do mesmo que causa a infamiliaridade.

De certa forma, Freud vai dizer que o infamiliar é algo que foi recalcado. No caso do duplo, é uma “regressão aos tempos nos quais o Eu ainda não havia, rigorosamente, se separado do mundo exterior e dos outros” (Freud, 2021c, p. 73). Nesse sentido, o infamiliar



que provoca um sentimento angustiado pode ser sentido como *algo recalcado que retorna*. Ao pensar assim, Freud justifica a “natureza secreta do infamiliar” entendendo por que é possível o familiar (*heimlich*) significar o seu oposto, infamiliar (*unheimlich*), uma vez que esse último “nada tem realmente de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento” (Freud, 2021c, p. 85).

É possível já aí perceber a estrutura do retorno no infamiliar. Algo que foi recalçado, escondido, e que retorna. Freud define o infamiliar como “algo que deveria permanecer oculto, mas que veio à tona” (Freud, 2021c, p. 87). Nesse sentido, o infamiliar é algo que retorna do recalçamento na posição de infamiliar. É o conhecido-desconhecido, o que não se sabe que se sabe, talvez. Não é à toa que Freud aproxima a ideia de ser enterrado vivo à fantasia de se viver no ventre da mãe como expressão de maior infamiliaridade. Retorno ao que é anterior ao nascimento.

Freud cita três tipos de infamiliar. O primeiro, a onipotência de pensamentos; o segundo, o infamiliar dos complexos infantis recalçados; e o último, o infamiliar da ficção. A esse último darei atenção para tentar pensar a dimensão da criação aqui.

Dessa forma de infamiliar, Freud diz que “não é infamiliar muito daquilo que o seria se ocorresse na vida” e que, ao contrário, na ficção, que chama de criação literária, “existem muitas possibilidades de atingir efeitos do infamiliar que não se aplicam à vida” (Freud, 2021c, p. 107). Isso implica dizer que a criação literária, ou ainda, na escritura, há uma forma de ir além do infamiliar, criando formas de expressar esse sentimento. Mas sendo o infamiliar um retorno do recalçado, a escritura pode então ser vista como uma criação a partir desse retorno? Talvez. Pensemos um pouco mais nisso.

Para Freud, o escritor tendo o poder de “criar um mundo que, ainda que menos fantástico que o mundo dos contos maravilhosos, separa-se do mundo real (...)” (Freud, 2021c, p. 109). A partir disso, Freud considera que o poder do escritor em criar o efeito do infamiliar consiste em iludir o leitor, fazendo-o ir muito além da realidade comum.

Perante o vivenciar, comportamo-nos em geral, em certa medida, passivamente e sucumbimos ao efeito do tema. Mas para o escritor, somos conduzidos de uma maneira especial; mediante o estado emocional no qual ele nos coloca, por meio das expectativas que ele nos suscita, ele pode manobrar o processo de nossos sentimentos, ajustando-os, com êxito, de um lado para outro, podendo, a partir do mesmo tema, atingir, frequentemente, os efeitos mais variados (Freud, 2021c, p. 113).

Isso implicaria dizer que a partir da escritura o escritor pode fazer vir esse sentimento do infamiliar. Mesmo fora da realidade comum, o escritor pode criar o retorno desse sentimento infamiliar, que retorna o recalçado.

Para pensar um pouco mais nessa relação entre retorno e criação, talvez seja necessário pensar antes na possibilidade de destruição na estrutura do retorno, de forma que o retorno não seria apenas um sair para voltar, ou um voltar ao zero, mas também uma destruição de algo para que haja uma criação. Algo próximo do que faz o escritor quando

cria o infamiliar em um mundo onde possa haver seu retorno.

Em 1920, Freud escreve um dos seus mais importantes textos, *Além do princípio do prazer*, mudando completamente o rumo da psicanálise. Deslocando o primeiro dualismo pulsional entre pulsões de autoconservação (ou pulsões do Eu) e as pulsões sexuais para o segundo dualismo pulsional entre pulsões de vida e pulsões de morte, Freud perturba toda a teoria psicanalítica mostrando que a energia da pulsão de morte não é a libido. Aqui, entretanto, trataremos de dois pontos do *Além do princípio do prazer*. O primeiro é a compulsão à repetição do qual Freud também tratou em *O Infamiliar*. O segundo é o retorno ao inanimado.

Ao falar sobre a compulsão à repetição, Freud coloca como exemplo os sonhos dos neuróticos de guerra e as brincadeiras de criança. Nos neuróticos, o que causa desprazer se repete como experiência presente; nas brincadeiras, a questão entre prazer e desprazer parece um pouco mais ambivalente, uma vez que, no exemplo do Fort/Da, a criança parece repetir o desaparecimento desprazeroso como prazeroso. Freud diz o seguinte sobre a compulsão à repetição:

É claro que a maior parte do que a compulsão à repetição faz reviver irá forçosamente causar desprazer ao Eu, pois ela revela atividades de moções pulsionais recalçadas, mas se trata de um desprazer que já apreciamos, que não contradiz o princípio do prazer, pois é desprazer para um sistema e ao mesmo tempo satisfação para o outro. Mas o fato novo e digno de nota que agora iremos descrever é que a compulsão à repetição também traz de volta aquelas experiências do passado que não contém nenhuma possibilidade de prazer e que mesmo naquela época não puderam ser satisfações, nem mesmo de moções pulsionais recalçadas desde então (Freud, 2021a, p. 91).

A compulsão à repetição parte de atividades de pulsões recalçadas, mas nem sempre, o que implica dizer que a compulsão à repetição repete algo além do princípio do prazer. Ou seja, uma pulsão cuja energia não é a libido, a energia sexual. Mas vamos observar onde aparece a estrutura do retorno nesse texto.

A compulsão à repetição fornece uma forma de retornar a uma experiência antiga que tenha causado prazer ou, como diz Freud, que tenha causado desprazer, mas que seja um desprazer que apreciamos. Esse retorno possibilita a Freud afirmar sobre uma “compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer” (Freud, 2021a, p. 97). Até aí, a estrutura do retorno parece aparecer de forma mais branda nesse texto. No capítulo V, entretanto, Freud traz a estrutura do retorno necessário à essa compulsão à repetição.

Quando diz “[u]ma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer [*Wiederherstellung*] um estado anterior” (Freud, 2021a p. 131), *Wiederherstellung*, do verbo *Wiederherstellen*, que significa restabelecer, reconstituir. Daí já se nota um retorno³, uma vez que esse verbo carrega essa ideia de voltar para um estado

³ Nota-se que na língua alemã uma das formas de falar de retorno é com a palavra *Wiederkommen*. Essa palavra carrega também o prefixo “wieder” que carrega *Wiederherstellen*. Daí a ideia de que o retorno restabelece algo assim como reconstitui algo; a questão é que nessa reconstituição, nesse restabelecimento, algo é alterado, algo é criado desse retorno ao que supostamente se esperava ser o mesmo.

anterior. Freud afirma rapidamente que além das pulsões ditas conservadoras que “forçam à repetição” (Freud, 2021a, p. 133) é possível existir outras que “pressionam para a produção de novas formações e para o progresso”. Aqui é importante notar que o retorno começa a aparecer como uma possibilidade de criação. Mas veremos isso um pouco mais a frente.

Freud então afirma o retorno:

Se nos for permitido supor, como uma experiência sem exceção, que tudo que é vivo morre por razões internas, retorna ao inorgânico, então só nos resta dizer: *A meta de toda vida é a morte*, e, remontando ao passado: *O inanimado esteve aqui antes do vivo* (Freud, 2021a, p. 135-137. Grifo do autor).

E continua:

Na ocasião, a tensão gerada na matéria antes inanimada tentou equiparar-se; surgiu a primeira pulsão, a de *retornar ao inanimado*. A substância viva de então ainda conseguia morrer facilmente, tratava-se provavelmente de apenas percorrer um curto caminho de vida, cuja direção estava determinada pela estrutura química dessa jovem vida. Durante um longo tempo a substância viva deve então ter sido *recriada sem cessar* e ter morrido facilmente, até que influências externas decisivas se alteraram de tal maneira que obrigaram a substância ainda sobrevivente a desvios cada vez maiores no seu curso de vida original e a rodeios cada vez mais complicados para alcançar a meta da morte. Esses rodeios para a morte fielmente mantidos pelas pulsões conservadoras seria os que hoje nos oferecem o quadro das manifestações da vida (Freud, 2021a, p. 137. Grifos nossos).

É aqui que Freud parece possibilitar a leitura entre um retorno e uma recriação. O retorno ao inanimado é o que permite uma recriação sem cessar da substância viva. A partir daí é que veremos a possibilidade de pensar a pulsão de morte (de destruição) como uma força criadora. Pode parecer paradoxal de início que uma pulsão que seja regressiva e que busque um retorno seja criadora, mas é exatamente nessa dimensão da destruição que a criação se torna possível. Assim, a pulsão, como a transgressão, apresenta uma estrutura do retorno, mas aqui, ainda mais, é possível observar a possibilidade da destruição e criação.

A pulsão recalcada não desiste jamais de almejar sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação; todas as formações substitutivas ou reativas e sublimações são insuficientes para remover sua tensão contínua, e da diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o exigido surge o fator pulsionante, que não permite persistir em nenhuma das situações estabelecidas, mas que, de acordo com as palavras do poeta, “indomado, impele sempre para a frente” (Mefistófeles em Fausto, I [4. Cena,] Quarto de estudos). O caminho regressivo, que leva à satisfação completa é, em regra geral, barrado pelas resistências que mantêm os recalcamientos, e com isso não resta outra coisa a não ser continuar progredindo na outra direção do desenvolvimento, que ainda está livre, entretanto, sem a perspectiva de poder concluir o processo

e alcançar a meta (Freud, 2021a, p. 147).

Logo, das palavras do poeta Goethe, Freud afirma uma nuance importante para o desenvolvimento que tento aqui. A pulsão recalcada impele sempre para a frente, indo contra o caminho regressivo, uma vez que esse é barrado pelas resistências. Isso implica dizer, de certa forma, que a força constante que é a pulsão possibilita um progresso apenas ao não conseguir regredir completamente. Do retorno, a criação.

Lacan afirmava a possibilidade da destruição, de uma “vontade de destruição” em seu *Seminário: livro 7*, ao tratar da pulsão de morte: “[a] pulsão, como tal, e uma vez que é então pulsão de destruição, deve estar para além da tendência ao retorno ao inanimado” (Lacan, 1988a, p. 259). Indo para além do retorno ao inanimado pode significar que a pulsão de morte visa, indo para além também do princípio de Nirvana⁴, uma recriação, um recomeçar que só é possível pelo fato da estrutura do retorno carregar uma destrutividade quando, como a transgressão, se coloca para o fora da estrutura. Para Lacan, a pulsão de morte é “[v]ontade de destruição. Vontade de recomeçar com novos custos. Vontade de Outra-coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função do significante” (Lacan, 1988a, p. 259). Mas também é outra coisa:

Se tudo o que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é somente na medida em que há a cadeia significante. Efetivamente, é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente **vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar** (Lacan, 1988a, p. 259-260. Grifo nosso).

Ao afirmar isso, Lacan parece se aproximar mais da concepção de Sabina Spielrein (2021) de que a pulsão de vida, que a psicanalista chama de “pulsão de procriação”, seria “igualmente uma pulsão de devir e de destruição” (Spielrein, 2021, p. 62). Dessa forma, a dimensão da destruição se torna de extrema importância para a teoria da pulsão a partir de Lacan. Mas é preciso notar ainda que o retorno aparecia de forma ainda mais forte para Freud. Para Freud, o retorno, desde 1915 pelo menos, era visto sempre na teoria pulsional e no conceito do inconsciente, especialmente ao se falar do recalcado e de seu retorno para a vida psíquica.

Meu interesse, entretanto, não é com a teoria psicanalítica especialmente, mas com a estrutura do retorno que aparece na escritura. Nesse sentido, essa estrutura funciona de forma parecida como a pulsão. Primeiramente, o retorno funciona *pulsionalmente* em uma dada estrutura. Sendo constante, o movimento de sair da estrutura e voltar é contínuo, ou seja, a estrutura se coloca para fora e para dentro sem cessar. Assim, ultrapassar os limites da estrutura é constante. Daí a dimensão da destruição: ao sair, a pulsão visa uma

⁴ Em *Além do princípio de prazer*, Freud (2021a, p. 183) define o princípio de Nirvana como “(...) o anseio por reduzir, manter constante e anular a tensão interna de estímulos, tal como encontra expressão no princípio de prazer”.

destruição da estrutura que pertencia e, ao voltar, a recriar.

Luiz Alfredo Garcia-Roza (2015) trata do que chama de “potência de destruição” quando trata da pulsão de morte. Para o teórico, a autonomia da pulsão de morte em relação a sexualidade é o que permite essa destrutividade inerente ao ser humano. Mas não só. De fato, Garcia-Roza perturba a teoria de Freud e afirma que

[a] pulsão de morte, entendida como potência destrutiva, tem como alvo a disjunção dessas unidades, a recusa da permanência. Enquanto a pulsão sexual é conservadora, pois além de constituir uniões tende a mantê-las, a pulsão de morte é renovadora. Ao colocar em causa tudo o que existe, ela é potência criadora. Enquanto Eros tende à unificação, à indiferenciação, a pulsão de morte, como princípio disjuntivo, é produtora de diferenças (Garcia-Roza, 2015, p. 127).

Ou seja, Eros seria o que causa a morte da diferença, o eterno retorno do mesmo, enquanto a pulsão de morte seria um eterno retorno da diferença. É nesse sentido que Garcia-Roza afirma que se a pulsão é repetição então ela é uma “repetição diferencial” (Garcia-Roza, 2015, p. 130). Isso significa dizer que a estrutura do retorno é também uma estrutura da destruição para a criação, a recriação. Retorno não é restabelecer, mas produzir. Não é reprodução, repetição do mesmo, mas criação, repetição da diferença, para além de uma criação *ex nihilo*, uma criação diferencial, transgressora.

Assim, na primeira parte, a transgressão de Bataille permitiu que a estrutura do retorno surgisse. Na segunda parte, a potência destrutiva e criadora da estrutura do retorno possibilita sua insurreição contra a estrutura. A estrutura do retorno, assim, é o que se (in)surge na própria estrutura.

III.

“Toda vez que me interroguei de fato, sempre respondi, sempre houve o que arrancar de mim, deste amontoado de palha que sou há cinco meses e cujo destino parece ser o de pegar fogo e arder no verão mais rapidamente do que o espectador é capaz de piscar. Se ao menos assim fosse!”
Franz Kafka, *Diários*

Acredito que seja necessária uma observação mais próxima da escritura para que se compreenda completamente como funciona a estrutura do retorno e sua possibilidade de destruição e recriação da própria estrutura. Pensei durante muito tempo enquanto escrevia esse texto qual seria o texto que eu usaria nesse momento.

Considere a *Odisseia* de Homero, em especial por ser um texto clássico que trata do retorno, mas acredito que esse tema deve ser tratado em outro momento, considerando ainda sua estrutura. Considerei também a chamada Trilogia Tebana, de Sófocles, com *Édipo-Rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*. Acho que tem uma estrutura do retorno incontornável aí.

Mas aqui, resolvo voltar ao início de meu texto e pensar em Kafka, em sua *Carta ao*



Pai, no momento exato em que descrevi na primeira página, momento que Kafka pensa proferir o que poderiam vir a ser as palavras de seu pai ao ler a carta. Antes disso, retorno ao início da carta, mais precisamente o primeiro parágrafo:

Querido pai:

Você me perguntou recentemente por que eu afirmo ter medo de você. Como de costume, não soube responder, em parte justamente por causa do medo que tenho de você, em parte porque na motivação desse medo intervêm tantos pormenores, que mal poderia reuni-los numa fala. E se aqui tento responder por escrito, será sem dúvida de um modo muito incompleto, porque, também ao escrever, o medo e suas consequências me inibem diante de você e porque a magnitude do assunto ultrapassa de longe minha memória e meu entendimento (Kafka, 1997, p. 7).

Começo então por esse “Querido pai:”, cuja pontuação induz a ideia do começo. Não há vírgula. A pausa é formada pelo sinal de dois pontos que indica, entre outras coisas, esclarecimentos, explicações. Mas, além disso, um discurso. Kafka não pretende apenas se explicar, mas discursar diretamente ao pai. A carta, nesse sentido, ultrapassa o que é uma carta, mas retorna ao afirmar que tenta responder por escrito. Kafka responde à pergunta do pai. Isso é o mais importante para a estrutura do retorno. Afinal, ao responder o pai, Kafka também *cria* a resposta do pai: “Caso abarcasse com o olhar minha fundamentação do medo que tenho de você, então você poderia responder:” (Kafka, 1997, p. 71). Voltamos aos dois pontos.

Esses dois pontos são o início e o fim da estrutura do retorno. No primeiro, Kafka sai da estrutura pai-filho que tinha, por meio da escritura, para tentar responder ao pai, admitindo ainda que o medo não escapa do ato de escrever. No segundo, Kafka retorna ao medo, em especial o medo do olhar do pai, mas também por meio da escritura, coloca a resposta do pai, criando seu discurso e, assim, podendo responder. Nesse sentido, a resposta do pai criada pelo autor não é o mais importante. Os dois pontos possibilitam a destruição da resposta de Kafka pela resposta do pai, também criação.

A estrutura do retorno se fundamenta aqui em três tempos: primeiro, entrada na estrutura da escritura com os primeiros dos pontos, que marca também o fim do pai e o início de Kafka; segundo, saída dessa estrutura com o segundo dos pontos, sendo o que marca o fim de Kafka e o início do pai; terceiro e último, a resposta do pai ser a escrita de Kafka.

Nesse sentido, lemos com Derrida a formação do segredo, da literatura:

Essa carta fictícia do pai, inclusa na carta semifictícia do filho, multiplica as acusações. O pai (fictício) reprova seu filho (que se reprova então a si mesmo) não somente pelo seu parasitismo, mas *ao mesmo tempo [à la fois]* de acusá-lo, ele, o pai, e de lhe perdoar e desse modo inocentá-lo. Esse pai espectral, Franz Kafka não o vê mais, ao escrevê-lo, ao escrever a si mesmo pela pena fictícia de seu pai, que Isaac não vê vir e que não compreende Abraão, que ele mesmo não vê Deus, não vendo vir Deus nem onde Deus quer vir no momento de todas essas palavras.

O que diz esse pai espectral à Franz Kafka, a esse filho que o faz assim



falar, como um ventríloquo, no final de sua *Carta ao Pai*, lhe emprestando sua voz ou lhe dando a palavra, mas também lhe dizendo sua palavra, o fazendo escrever, em resposta à sua, uma carta ao seu filho, como uma espécie de ficção na ficção? (Derrida, 1999, p. 178- 179. Grifos do autor)⁵.

Se pensarmos com Derrida nessa questão da ficção, percebemos como o movimento de Kafka é, além de um segredo na literatura, uma transgressão da palavra do pai, uma transgressão da lei do pai. Essa transgressão é criada enquanto uma ficção da ficção, pela e a partir da linguagem. Podemos notar como a carta é precisamente o movimento da linguagem, do significante, é o que torna a operação do retorno possível nessa estrutura de *Carta ao Pai*. Dessas transgressões apontadas pelo movimento de Kafka, temos um retorno sempre existente entre ficção e realidade, entre resposta e pergunta, entre endereçamento e recebimento. Esse retorno se apresenta em uma tensão, uma ambivalência, uma aporia, para usarmos termos derridianos. Porém, é precisamente através desse excesso de sentido que observamos entre um ponto e outro que se produz a própria estrutura.

O retorno é uma operação da própria estrutura, como já foi dito, operando repetitivamente com os excessos e restos de uma destruição para que possa haver uma criação. Isso implica um movimento de diferenças e potencialidades no qual a estrutura se subverte, se transgride, e, a partir disso, consegue se abrir ainda mais para acolher o que antes não fazia parte. Não é uma devoração, não é tomar para a estrutura os elementos heterogêneos, mas tornar possível a operação aberta da estrutura, o acolhimento do heterogêneo. É tornar possível o elemento heterogêneo como transformador e transgressor da estrutura como própria possibilidade e potencialidade da estrutura. Esse é o movimento da estrutura do retorno, isto é, o retorno enquanto operação estrutural.

Assim, na *Carta ao Pai*, é possível pensar como a estrutura da transgressão permite que haja essa estrutura do retorno. Simplificando, o que Kafka faz é uma transgressão da resposta, tanto da sua quanto do pai. Da sua, na medida em que sua resposta não pode ser falada, mas escrita, mesmo que diga que não há possibilidade de uma escrita que não seja assombrada pelo medo do pai. De seu pai, ao criar a resposta a partir do olhar do pai, para que possa responder. No final das contas, Kafka transgride o que seria uma carta, o que seria uma conversação, o que seria uma escritura, quando se cria um discurso. Cria-se uma linguagem e uma literatura.

Dessa transgressão, a estrutura do retorno surge. A estrutura do retorno se afirma não apenas no retorno à estrutura, mas como sendo a estrutura que possibilita a criação a

⁵ No original: "Cette lettre fictive du père, incluse dans la lettre semi-fictive du fils, multiplie les griefs. Le père (fictif) reproche à son fils (qui se le reproche donc à lui-même) non seulement son parasitisme mais à la fois de l'accuser, lui, le père, et de lui pardonner et par là de l'innocenter. Ce père spectral, Franz Kafka ne le voit pas plus, en lui écrivant, en s'écrivant à lui-même par la plume fictive de son père, qu'Isaac ne voit venir et ne comprend Abraham, qui lui-même ne voit pas Dieu, ne voyant pas venir Dieu ni où Dieu veut en venir au moment de tous ces mots.

Que dit ce père spectral à Franz Kafka, à ce fils qui le fait ainsi parler, en ventríloque, à la fin de sa *Lettre au père*, lui prêtant sa voix ou lui donnant la parole mais aussi lui dictant sa parole, lui faisant écrire, en réponse à la sienne, une lettre à son fils, dans une sorte de fiction dans la fiction?" (Derrida, 1999, p. 178-179).

partir da destruição. Com a transgressão de Bataille, o movimento da estrutura do retorno ultrapassa os limites de si mesma; com a pulsão de Freud, mais especificamente a pulsão de morte, a dimensão da destruição e da criação se apresenta como possibilidade dessa estrutura; com a carta de Kafka, é possível ver que esse retorno não ocorre apenas em algum tipo de literatura, mas em toda forma de escritura que consiga se colocar como estruturalmente pulsional.

A estrutura é transgressão na medida em que ultrapassa seus limites com sua destruição, mas também é pulsão, na medida em que se desloca por ela mesma, repete o retorno continuamente, que envolve um desejo e uma angústia. Sobre a estrutura do retorno, devo dizer que ela é o objeto literário ao mesmo tempo que é o que possibilita que haja um objeto literário. Ela vai além de uma linguagem como falar de estrutura em termos arquitetônicos, mas acontece enquanto escritura. Ela é construída, destruída, recriada, mas pode ser vista na leitura de um texto.

Assim, ao final, me questionando sobre a escritura de meu texto e se ele consegue atingir seu objetivo, devo apenas dar a ele uma satisfação parcial. Ainda há muito para ser pensado sobre o retorno e como ele aparece nos textos, tanto literários quanto filosóficos ou psicanalíticos. Mas agora me dirijo ao leitor e o questiono: da leitura desse texto, sem que eu crie uma resposta sua, o que você poderia dizer?

Referências

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. de Fernando Scheibe. Apresentação de Fernando Scheibe. Prefácio de Raul Antelo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BATAILLE, Georges. **Théorie de la religion**. Texte établi et présenté par Thadée Klossowski. Paris: Tel Gallimard, 1973.

DELEUZE, Gilles. **Différence et répétition**. Paris: Presse Universitaire Françaises, 2021.

DERRIDA, Jacques. Forte et signification. *In: L'Écriture et la différence*. Paris: Éditions du Seuil, 1967, p. 9-49.

DERRIDA, Jacques. **Donner la mort**. Paris: Éditions Galilée, 1999.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer** [*Jenseits des Lustprinzips*]. Trad. e notas de Maria Rita Salzano Moraes. Revisão de tradução de Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed., 1ª reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021a. Edição Crítica Bilingue.

FREUD, Sigmund. **A Pulsão e seus destinos**. Trad. de Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed., 7ª reimp., Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. Edição Bilingue.

FREUD, Sigmund. **O Infamiliar** [*Das Unheimlich*]. Trad. de Ernani Chaves; Pedro Heliodoro Tavares. Seguido de O Homem da Areia, de E. T. A. Hoffmann. Trad. de Romero Freitas. Posfácio de Christian Dunker. 1. ed., 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021c. Edição Bilingue.



GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **O mal radical em Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

KAFKA, Franz. **Carta ao Pai**. 20ª reimp. Trad. e Posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: livro 7. A ética da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988a.

LACAN, Jacques. **O Seminário**: livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Trad. de M. D. Magno. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 3. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

RIFFATERRE, Michel. A Ilusão Referencial. *In*: BARTHES, Roland *et al.* **Literatura e Realidade**. Trad. de Tereza Coelho. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984, p. 99-128.

SPIELREIN, Sabina. **A destruição como origem do devir**. Curadoria e introdução de Renata Udler Cromberg. Trad. de Renata Dias Mundt. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2021.

NOTAS DE AUTORIA

Lucca Marthius Reginatto Lobato (lmlobato@outlook.com) é graduado em Letras – Tradução – Francês pela Universidade de Brasília, UnB. Mestre em Literatura pela mesma instituição e doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura da UnB em cotutela com a Université Sorbonne-Nouvelle, na França.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

LOBATO, Lucca Marthius Reginatto. Estrutura do Retorno: Bataille, Freud e Kafka. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 31, p. 01-18, 2026.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.



Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 04/11/2024

Revisões requeridas em: 21/08/2025

Aprovado em: 15/12/2025

Publicado em: 05/02/2026

